

VIVÊNCIAS, MEMÓRIAS E PRÁTICA: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO INTERIOR DO CEARÁ 2008-2011.

Camila Brito de Sousa Holanda ¹
Maria Sabrina Figueredo Sousa ²

RESUMO

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino destinada a jovens, adultos e idosos que por algum motivo, não conseguiram concluir os seus estudos na idade certa. A EJA possui uma longa história de luta, desvalorização e precarização, contudo, destacamos a sua relevância por ser uma forma de oportunizar a integração do indivíduo no meio social, político e cultural a qual ele está inserido. Este trabalho tem como objetivo compreender, a partir das vivências e memória de uma professora que lecionou em uma turma de EJA durante os anos de 2008 à 2011, como ocorriam as aulas e quais percepções esta tinha acerca da EJA. Como aporte teórico utilizou-se autores como: Alves, 2021; Fartes, 2009; Freire, 1979; Freire, 1987; Leite, 2016; Lódi, 2021; Pereira, Dulcinéia; Pereira, Eduardo, 2010; Ribas, 2012; Siqueira, 2023; Soares, 2016; Strelhow, 2010; Souza, 2019; Vasconcelos, 1999; Zanella, 2011. Possuindo como fundamentação discussões sobre o contexto histórico da EJA, assim como, o processo de formação dos professores que atuam com essa modalidade de ensino. Para o alcance desse objetivo, utilizaremos de uma entrevista semiestruturada visando coletar as informações necessárias que nos possibilitem analisar como era desenvolvido o ensino de jovens e adultos naquela época. Concluímos percebendo a visão que permeava o ensino de uma educação que tinha como intuito a decodificação e codificação da linguagem.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Formação de professores, Reflexão.

INTRODUÇÃO

A educação é um campo amplo, falar sobre ela é remeter-se a um processo que sempre esteve presente na formação do indivíduo pois, estamos constantemente aprendendo. Quando criança, temos a curiosidade como nossa maior aliada nesse trabalho de descobrir e aprender, conforme crescemos temos o contato com a escola que surge como um lugar para se adquirir e produzir novos conhecimentos.

Embora seja perceptível os avanços ligados à educação, ao longo das últimas décadas também conseguimos enxergar a realidade na qual nosso país se encontra inserido, a educação não chega de igual modo para todos e ainda existe uma parte da população brasileira que, por motivos econômicos, sociais ou de outra natureza não completaram o ciclo de alfabetização e formação inicial na idade certa e isso pode ser percebido, por exemplo, através do número alarmante de analfabetos que ainda existe em nosso país (Siqueira, 2023).

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, camila.edifik@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, maria.sabrina@estudante.ufcg.edu.br;

A partir disso, levantamos a seguinte questão, quem é o adulto analfabeto? Para muitos, é aquele que está à margem da sociedade, excluído das decisões, um indivíduo incapaz e ignorante, nós por outro lado, acreditamos que é um indivíduo que não possui contato com o conhecimento científico presente nas escolas, mas é rico em saberes próprios da sua vivência.

Neste sentido, falar sobre a Educação de Jovens e Adultos contribui para uma discussão necessária, integrar o indivíduo no meio social, cultural e político. É necessário trabalhar com o adulto em uma perspectiva crítico-reflexiva para que ele possa entender a realidade e as condições na qual está inserido, analisando com criticidade as mudanças do mundo. A escola por sua vez é o ambiente que deve procurar sanar as lacunas existentes no ensino-aprendizagem de jovens e adultos, que por diversos motivos foram impossibilitados outrora de adentrar ou permanecer no ambiente escolar.

Deste modo, o objetivo deste trabalho é compreender, a partir das vivências e memória de uma professora que lecionou em uma turma de EJA durante os anos de 2008 à 2011, como ocorriam as aulas e quais percepções esta tinha acerca da EJA. Para o alcance desse objetivo, partimos da utilização de uma entrevista composta por questões elaboradas a fim de identificar aspectos ligados ao ensino de jovens e adultos na referida época.

A temática é de suma relevância, tendo em vista que o índice do analfabetismo ainda se encontra em um número elevado, como também, é necessária uma reflexão acerca desta situação, para que os indivíduos não continuem à margem da sociedade. É importante investigar como se deu o processo educacional na EJA outrora, além, das várias interferências que permeiam a efetivação desta modalidade atualmente.

Deste modo, buscamos fazer inicialmente um panorama histórico da EJA no Brasil, a formação de professores frente essa modalidade de ensino, para enfim chegarmos à análise da entrevista realizada e os dados que puderam ser observados. Percebemos a ligação e visão existente da EJA enquanto uma forma de desenvolver no indivíduo a capacidade de decodificação sem levar em consideração a interpretação crítica.

METODOLOGIA

A metodologia, assim como definida por Zanella (2011), consiste nos procedimentos e técnicas utilizadas para se chegar a um determinado conhecimento e atingir os objetivos propostos para a pesquisa. Para se chegar a um conhecimento, os

procedimentos metodológicos são essenciais. Neste sentido, para atingir o objetivo de compreender como ocorria a Educação de Jovens e Adultos no interior do Ceará nos anos de 2008 à 2011, partiremos de uma entrevista que será realizada com uma docente que lecionava em uma turma de EJA durante o referido período, através de suas memórias, buscaremos entender e perceber como era o ensino naquela época, bem como o seu planejamento para trabalhar com esses jovens e adultos.

Enquanto instrumento para a coleta de dados utilizaremos a entrevista semiestruturada, Gerhardt et al (2009, p. 72 *apud* Ana; Lemos, 2018, p. 537) define que este instrumento de pesquisa é “[...] uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação”, através dela buscamos observar como era o contexto da sala de aula da EJA durante o período proposto neste trabalho. Após a coleta de dados, buscaremos analisar e refletir sobre as semelhanças, dificuldades e desafios apontados para a Educação de Jovens e Adultos naquela época na cidade do Barro - CE.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EJA NO BRASIL

Inicialmente é necessário destacar que o surgimento da EJA foi suscitado pela educação no período colonial, a qual era organizada pelos jesuítas aqui no Brasil. Mas, essa educação era de cunho instrucional, não possuindo uma natureza acadêmica. Com a expulsão dos jesuítas em 1808 e a chegada da família real, no ano de 1878 foi elaborado o primeiro modelo de educação para homens analfabetos, relacionado a busca de poder e status (Alves; Silva; Santos, 2021).

Não obstante, no ano de 1934 pensou-se na carência de um plano nacional de educação, o qual manifestou-se na Constituição de 1934 estabelecendo que a educação deveria ser um dever do Estado, como também, seria necessário garantir o ensino gratuito e integral a todos, abrangendo os adultos que por algum motivo foram impossibilitados de concluir seu processo educacional na idade desejada. Dando prosseguimento a trajetória da EJA, temos na década de 40 o surgimento de políticas direcionadas à educação em sua totalidade, que influenciaram de forma significativa o ensino direcionado aos adultos. Temos como exemplo o Serviço Nacional da Educação de Adultos (SNEA) em 1947 e a Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), que ocorreu entre 1958 a 1961 (Alves; Silva; Santos, 2021).

Na década de 50 surgiram debates acerca da organização da educação voltada para jovens e adultos, a qual elencou problematizações a respeito da intenção por trás do ensino

ministrado para esse público. Pereira, D.; Pereira, E. (2010, p.75) enfatizam que “na década de 50, alguns educadores iniciaram um debate acerca da Educação de Jovens e Adultos (EJA), questionando se ela era apenas uma transmissora de conteúdos ou uma possibilidade de difusão de ideias”, é importante um olhar holístico para a intenção que se tem na formulação de um currículo para ser trabalhado em sala de aula. É importante destacar os pensamentos de Freire acerca da educação a qual “[...] não poderia ser vista apenas como ferramenta para a transmissão de conhecimentos e reprodução das relações de poder instituídas no capitalismo, como acontecia na Educação bancária” (Freire, 1987 *apud* Pereira, D.; Pereira, E., 2010, p.76).

Diante do exposto, é necessário destacar o ano de 1963, no qual Paulo Freire fez parte do grupo de elaboração do plano nacional de alfabetização, Freire mencionava corriqueiramente a relevância da participação popular na tomada de decisão pública, a qual buscava a conscientização da população, o Plano foi aprovado em janeiro de 1964 (Brasil, 2002). Contraposto a isso, em 1964 o Brasil vivenciou o golpe militar, que impossibilitou o desenvolvimento dos movimentos populares. Ainda assim, os movimentos populares procuravam mesmo sendo reprimidos modificar a realidade brasileira, Pereira, D.; Pereira, E. (2010, p.78) asseveram que naquele contexto os “Movimentos populares de resistência começam a se fazer presentes no subterrâneo das ações militares e a se espalhar pelo país em forma de guerrilhas armadas e organizações clandestinas”.

Assim, surgiu em 1967 o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) que possuía um caráter tecnicista que perdurou até 1985, “[...] com a ideia de que qualquer um pode alfabetizar jovens e adultos, em curto tempo, sem necessitar de muita preparação” (Soares; Pedroso, 2016, p.252). Desta forma, reafirmando o que se foi mencionado anteriormente “Até a década de 80, o Mobral não parou de crescer, difundindo-se por todo o território nacional e diversificando sua atuação” (Brasil, 2002). Compreende-se então que procurou-se alienar a população, tendo em vista que, a formação era pensada para formar um indivíduo capaz de atender a necessidade de trabalho, mas que fosse totalmente submisso ao que era imposto pela ditadura.

Porém, com o fim do regime militar, o MOBRAL deixou de existir. No ano de 1985 deu-se a implementação da Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos, que impulsionou os atendimentos às séries iniciais do 1º grau, mas, com sua extinção em 1990, os órgãos públicos, as entidades civis, entre outras instituições ficaram com essa responsabilidade (Brasil, 2002).

Ademais, a constituição de 1988 possibilitou a volta dos pensamentos Freireanos ao Brasil, e “[...] mesmo com resquícios de modelos neoliberais deixados pelo regime militar, a constituição torna obrigatória uma educação básica para todos” (Alves; Silva; Santos, 2021, p.05). Como também, O Movimento de Alfabetização (MOVA) que ocorreu na cidade de São Paulo no ano de 1989 fermentou a participação popular nas questões governamentais (Soares; Pedrosa, 2016), nessa linha de pensamento Trelhow (2010, p.56) afirma que o MOVA “[...] procurava trabalhar a alfabetização a partir do contexto sócio-econômico das pessoas alfabetizadas, tornando-as co-participantes de seu processo de aprendizagem”.

A EJA avançou a partir de discussões como “[...] a promulgação nº 9394/96 da lei de Diretrizes e bases da Educação (LDB), sendo reafirmada sua necessidade de ser gratuita e de qualidade, garantido o acesso e a permanência dos jovens e adultos na educação” (Alves; Silva; Santos, 2021, p.50), além disso, “Ressalta-se ainda o direito a jovens e adultos à educação adequada às suas necessidades peculiares de estudo [...]” (Trelhow, 2010, p.56). Portanto, podemos perceber um avanço significativo ao longo do tempo na forma como a Educação de Jovens e Adultos era vista pelas políticas públicas, embora exista muitos desafios que ainda permeiam essa modalidade de ensino, é importante visualizar o contexto político, social e econômico no qual ela se desenvolveu e os avanços e retrocessos que a envolveram ao longo dos anos.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO NA EJA: UM ATO DE REFLEXÃO.

A modalidade de Educação de jovens e adultos é importante não só pelo aspecto da formação humana enquanto possibilidade para a construção de saberes científicos, mas também pelo seu caráter de transformação. Por meio do exercício do pensamento crítico sobre a sua própria realidade e sobre o contexto social, político e econômico, o sujeito vai se tornando consciente e participante da sua própria formação (Lódi; Sanceverino, 2021).

O espaço da sala de aula da EJA é rico em experiências pois, é composto de jovens, adultos e idosos que possuem diferentes histórias de vida e que são provenientes de meios distintos, o universo da EJA abrange diversas relações como por exemplo, relações de trabalho, as condições de vida dos estudantes, entre outros (Lódi; Sanceverino, 2021). Nesse sentido, para que ocorra uma aprendizagem significativa na Educação de Jovens e Adultos a formação de professores também deve estar voltada a formação de outros indivíduos em uma “[...] perspectiva multidimensional, humana,

cognitiva, pedagógica, política e social que tenha a teoria e os saberes científico-acadêmicos aliados à prática e aos saberes da experiência como eixos complementares do processo de formação” (Fartes; Gonçalves, 2009).

As autoras Ribas; Soares (2012) mencionam que no contexto da nossa sociedade atual é necessário que o educador se utilize dos conhecimentos teóricos, científicos e políticos para reconhecer e avaliar a situação em que a educação se encontra. A partir desse processo de reflexão, que é importante e necessário dentro da prática pedagógica, o professor pode se tornar consciente não só da realidade em que está inserida a educação, mas do contexto como um todo, sendo capaz de ultrapassar a esfera de apreensão da realidade para uma de criticidade acerca da própria realidade (Freire, 1979).

Esse exercício e a tomada de consciência são importantes, pois, para que o professor possa estimular a reflexão no aluno, ele mesmo precisa exercer a reflexão crítica, inclusive a respeito das próprias limitações sociais, culturais e ideológicas presentes na profissão docente (Nóvoa, 1992 *apud* Ribas; Soares, 2012). Dentro do contexto da EJA é imprescindível que o professor provoque os alunos a compreenderem a situação de opressão a qual eles estão inseridos. Deste modo, o que se busca para a Educação de Jovens e Adultos, dentro da perspectiva freireana, é uma educação que promova, com base no diálogo entre educador e educando, a re-significação da realidade, a discussão crítica desta, levando em consideração também a vida cotidiana desses indivíduos (Lódi; Sanceverino, 2021).

Freire (1979) já mencionava o quanto o diálogo é um elemento de relevância ímpar nessa relação mútua entre aluno e professor. Quando existe o diálogo na mediação do professor, os educandos conseguem refletir, e aliado a isto, quando existe a problematização eles conseguem renunciar ao “[...] seu papel de simples objeto, exigindo a sua atuação como sujeito” (Lódi; Sanceverino, 2021, p.235). A partir do momento em que nos tornamos conscientes da ideologia dominante a qual somos submetidos, “Podemos aprender, portanto, como nos libertar através da luta política na sociedade. Podemos lutar para ser livres, precisamente porque sabemos que não somos livres!” (Freire; Shor, 1986, p.58 *apud* Ribas; Soares, 2012, p.04).

A partir do momento que o professor compreende o trabalho na educação, ele se torna autônomo da sua própria experiência formativa (Fartes; Gonçalves, 2009), pois como já dizia Freire (1997, p.58 *apud* Ribas; Soares, 2012, p.05) “A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”, o tornar-se educador permeia a reflexão da própria prática e o ato de refletir

está diretamente ligado ao ato de agir visto que toda ação “[...] é pautada em algum nível de reflexão [...] seja ela ideológica, interesseira, utilitária, alienada, qual seja [...]” (Vasconcelos, 1999, p.11).

Enquanto educadores é necessário que a nossa prática seja pautada na reflexão, na criticidade e no diálogo, para que assim possamos oportunizar aos alunos da Educação de Jovens e Adultos uma visão crítica do mundo. Além disso, também é importante ressaltar que o professor, dentro do contexto da EJA, está inserido em uma realidade específica, permeada pelas contribuições e experiências dos educandos e estas devem contribuir para a construção do planejamento do professor (Ribas; Soares, 2012). A partir disso, o professor contribui para o rompimento da aprendizagem sob a ótica neoliberal, a qual está tão imbricada na educação (Lódi; Sanceverino, 2021).

Ademais, é necessário ter sempre em mente a consciência do nosso inacabamento, não somos indivíduos ou profissionais completos, e sendo “[...] inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele” (Freire 1997, p.53 *apud* Ribas; Soares, 2012, p.08). Pensando nisso, é importante compreender como a formação de professores estava relacionada a Educação de Jovens e Adultos à alguns anos atrás, como as reflexões discutidas aqui eram trabalhadas, se eram feitas e de que perspectiva eram vistas, para tanto, partiremos de uma entrevista com uma professora que lecionou na sala da EJA entre os anos de 2008 à 2011.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista foi realizada com uma professora que trabalhou três anos com a educação de jovens e adultos, entre os anos de 2008 e 2011 na cidade do Barro - CE. A educadora é formada na modalidade de ensino normal, que era ofertada no ensino médio, a qual tinha o objetivo de formar professores para a docência.

Para se compreender a organização da sala de aula, no que diz respeito ao público que a constituía, perguntou-se “qual a faixa etária de seus alunos?”, obtendo como resposta que “tinham de 18 até 50 anos de idade”. Observa-se então que o público possuía uma múltipla maturidade, com vivências e experiências abrangentes e em construção. Além disso, procurou-se rememorar as características dos alunos que mais eram percebidas pela professora, assim, ela afirmou que “eram pessoas mais velhas, que não sabiam ler, nem escrever, nem assinar o nome, mas eram alunos comportados”.

Diante do exposto, nota-se que os alunos possuíam lacunas direcionadas ao desenvolvimento educacional, como por exemplo a decodificação do código linguístico.

Porém, percepções a respeito da visão de mundo, bem como, conhecimentos acerca do senso comum já existiam, neste sentido é importante ressaltar a importância de refletir acerca da relevância dos conhecimentos que são constituídos através do cotidiano e das diferentes atividades realizadas e presenciadas pelos indivíduos. Afinal, assim como Freire (1989 *apud* Lódi; Sanceverino, 2021) menciona, a leitura de mundo precede a leitura da palavra, e é justamente a leitura de mundo que auxilia na compreensão da palavra, além de também contribuir para uma aprendizagem significativa.

A professora expressa o respeito que os alunos tinham para com ela, que pode ser percebido quando ela destaca que eles eram comportados, ou seja, eles não demonstravam descontentamento no decorrer das aulas, o que podemos relacionar com comprometimento e determinação para ressignificar a sua história estudantil.

Acerca da organização da EJA na escola a professora destaca que “era organizada em turma, a gente chamava eles para dizer alguma palavra, e cada um ficava em seu lugar atentamente, vinham um por vez fazer seu nome no quadro, explicando qual era as letras, porque a maioria não sabia nem assinar o nome”. Acerca das atividades a entrevistada ainda afirma que “somente atividades de português, matemática, ciências e histórias” eram trabalhadas, onde era utilizado materiais como “quadro, giz, cartolina para trabalhos, bingos para eles desenvolverem o conhecimento numérico”. Assim, nota-se que poucos eram as atividades trabalhadas, ou seja, se tinha um ensino mecânico, tradicional, que não possibilita o desenvolvimento de um pensamento crítico-reflexivo, também não era vislumbrado conhecimentos essenciais para a formação cidadã, a maioria das vezes são inexistentes nos materiais didáticos, ou são sucintos demais, sem problematizar as questões sociais inviabilizadas, como gênero, etnia, religião, entre outros.

No final da entrevista as perguntas foram direcionadas ao que a professora sabe sobre o EJA e o que é para ela o ensino de EJA, estas perguntas foram respondidas da seguinte forma “uma oportunidade, pois eles não sabiam ler, nem escrever, tinham alguns deles que não sabiam nem assinar o nome. Aí veio essa oportunidade para eles aprenderem pelo menos assinar o nome”, como também, foi o “momento em que eles não tiveram aquela oportunidade na infância, depois desse tempo conseguiram se empenhar no EJA. Eu acho que foi um desenvolvimento”. Nesse sentido, a partir da fala da educadora podemos perceber que as fragilidades são muitas, no momento que é expressado a expressão “aprenderem pelo menos o nome”, mas em contrapartida a isso, percebe-se que os alunos eram empenhados no seu desenvolvimento

na expressão “conseguiram se empenhar no EJA”, assim como, existiu uma evolução percebida por meio da fala “eu acho que foi um desenvolvimento”.

Portanto, é possível perceber que a entrevistada consegue identificar que as desigualdades sociais impossibilitaram a continuação ou inserção dos alunos na instituição escolar. É notório que a professora identifica a importância do EJA para modificar a realidade dos alunos. Diante dos resultados encontrados, é perceptível que os recursos metodológicos utilizados pela professora poderiam ser melhorados, e que temáticas deveriam ser abordadas em conjunto com as que foram mencionadas na entrevista. Existindo fragilidades para a existência de uma educação que supere a condição de oprimido que os alunos dessa modalidade de ensino se encontram na sua grande maioria.

Além disso, conseguimos perceber através da entrevista realizada e do levantamento teórico construído que a educação de jovens e adultos realizada na escola onde a docente lecionava seguia pela perspectiva de uma educação tradicional, onde era priorizado e trabalhado a codificação e decodificação como elemento essencial na educação de jovens e adultos. Embora a professora mencione o bom diálogo que existia, o respeito e a relação com a realidade dos alunos, não conseguimos perceber através de sua fala elementos de uma dialogicidade com o intuito de uma compreensão crítica da realidade, da situação em que esses indivíduos se encontravam ou até mesmo uma consciência crítica acerca do conhecimento (Lódi; Sanceverino, 2021).

Dentro da educação de jovens e adultos é importante não só uma visão acerca da importância de ler e escrever, mas também como uma modalidade de ensino que possibilita uma análise crítica da realidade. O educador precisa refletir a sua própria prática a fim de manter uma posição crítica, se comprometendo com a educação em prol de uma formação humana permeada pelo trabalho com a cultura e com a realidade destes alunos, neste sentido “é necessário que o professor não se restrinja apenas a sala de aula, mas perceba que ele é parte integrante e responsável da escola e, porque não, da própria escola” (Ribas; Soares, 2012 p.14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos a educação de jovens e adultos enxergamos, com base nas diversas discussões e nos autores que dialogam sobre a temática, o quanto esta é importante dentro

da nossa sociedade, embora não seja tratada e enxergada com o devido valor. É perceptível o sucateamento e a desvalorização que existe em torno desta modalidade de ensino e dentre elas, a formação de professores para essa educação. Neste trabalho buscamos perceber, a partir das vivências e memória de uma professora que lecionou em uma turma de EJA durante os anos de 2008 e 2011, como ocorriam as aulas e quais percepções esta tinha acerca da EJA. Concluímos percebendo a visão de que a modalidade da EJA estava mais ligada à oportunidade de aprender a codificar e decodificar do que de refletir sobre aquilo que se está aprendendo, levando em consideração esta aprendizagem no contexto de vida destes alunos.

Ressaltamos a importância de uma formação de professores voltada para uma visão crítica e reflexiva acerca da educação de jovens e adultos, onde os professores entendam e promovam uma educação que vá “além de capacitar o ser para exercer uma atividade que se finda na sua utilidade” assim como Freire (2002 *apud* Alves; Silva; Santos, 2021, p.06) defende.

REFERÊNCIAS

ALVES, Heryson Raisthen Viana; DA SILVA, Fernanda Sheila Medeiros; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares. **As contribuições de Paulo Freire à EJA no Brasil**. Ensino em Perspectivas, v. 2, n. 3, p. 1-12, 2021.

ANA, Wallace Pereira Sant; LEMOS, Glen César. Metodologia Científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 4, n. 12, 2018.

BRASIL. **PROPOSTA CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Segundo Segmento do Ensino Fundamental Segundo Segmento do Ensino Fundamental (5º a 8º série)**. 1. ed. Brasília: Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP), 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf. Acesso em: 1 out. 2023

FARTES, Vera Bueno; GONÇALVES, Cássia Brandão. Formação de professores para a educação profissional de jovens e adultos no Brasil: novas relações com o saber, novo campo de trabalho na educação. **Educação, Sociedade & Culturas**, v. 29, p. 109-124, 2009.

FREIRE, Paulo. **Conscientização teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LEITE, Cândida Cláudia; OLIVEIRA, Cledjane Santos; BARROS, Rosimeire Santos. **Educação de Jovens e Adultos: uma abordagem metodológica**. IX Mostra de Iniciação

Científica. Aracaju: Núcleo de Pesquisa e Extensão da Faculdade São Luís de França, 2016.

LÓDI, Emeline Dias; SANCEVERINO, Adriana Regina. Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJA): contribuições da pedagogia freireana para a construção de um currículo que se pretende emancipador. **Debates em Educação**, v. 13, p. 228-246, 2021.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira; PEREIRA, Eduardo Tadeu. Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 40, p. 72-89, 2010.

RIBAS, Marcele Stiegler; SOARES, Solange Toldo. Formação de Professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos: uma reflexão para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática docente. **Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul-ANPED SUL. Caxias do Sul-RS: Universidade de Caxias do Sul**, p. 01-16, 2012.

SIQUEIRA, João Victor. A importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA): Uma análise do analfabetismo de jovens e adultos no Brasil. **Metodologias e Aprendizado**, v. 6, p. 407-414, 2023.

SOARES, Leôncio José Gomes; PEDROSO, Ana Paula Ferreira. Formação de educadores na Educação de Jovens e Adultos (EJA): alinhando contextos e tecendo possibilidades. **Educação em Revista**, v. 32, p. 251-268, 2016.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR on-line**, v. 10, n. 38, p. 49-59, 2010.

SOUZA, Tiago Zanquêta de; CHAVES, Fátima Garcia. Educação de jovens e adultos: uma abordagem metodológica para a humanização. **Revista de Educação Popular**, v. 18, n. 2, 2019.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, v. 1, 1999.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa** / Liane Carly Hermes Zanella. – 2. ed. rev. atual. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011.